

A RECONSTITUIÇÃO DA FÁBULA SCHLEICHERIANA «A OVELHA E OS CAVALOS»

Maria Luísa F. Miazzi

Ao mestre da lingüística
indo-européia em nosso país

Muito se tem comentado a respeito da fábula composta por August Schleicher (1) em indo-europeu, em meados do século passado, à vista dos elementos que então podia oferecer a lingüística indo-européia, com apenas algumas décadas de existência, e da extrema confiança que se começava a atribuir aos princípios da evolução fonética, mais adiante convertidos em “leis” de caráter absoluto pelos neogramáticos.

Poucos, porém, têm tido ensejo de conhecer-lhe o texto e apreciar os aspectos positivos e negativos da imaginosa reconstrução.

(1) 1821-1868 — Lingüista dedicado especialmente ao campo indo-europeu, lecionou nas Universidades de Praga e Jena (nesta de 1857 até a morte).

É conhecido por sua famosa “árvore genealógica”, relativa aos agrupamentos das línguas indo-européias, pela doutrina dos três estádios da evolução lingüística (monossilábico, aglutinante e flexional), já esboçada por Schlegel, e por ter aplicado ao estudo da linguagem a teoria de Darwin, que o levou a considerar as línguas como organismos naturais que surgem, crescem e morrem, segundo leis fixas (o interesse naturalista já se observa em sua formação primitiva de botânico).

Especialmente, porém, interessa-nos a crença firme nas leis fonéticas, ao ponto de formular uma reconstrução do indo-europeu através da fábula “*Avis akvasas ka.*”.

Seu *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* (Weimar, 1861-1862) representa o segundo passo da lingüística indo-européia, após o trabalho fundamental de Bopp.

Dedicou-se também à história de seu idioma (*Die deutsche Sprache*, Stuttgart, 1860) e especializou-se em línguas eslavas. O lituano, dentre as bálticas, atraiu-o de tal forma que, numa época de exclusivo historicismo, publicou um manual completo da língua viva, composto de gramática, antologia e glossário (*Handbuch der litauischen Sprache*, 2 vol., Praga, 1856-1857).

Com toda a reverência que a figura ímpar da erudição e probidade intelectual do homenageado nos desperta, oferecemos-lhe este trabalho, no campo dos estudos indo-europeístas que, espontaneamente, a par de suas atribuições como Professor Catedrático de Filologia Românica, desenvolveu na Universidade de São Paulo, e no qual tivemos a honra de trabalhar como sua Assistente. A Lingüística Indo-Européia, encargo assumido por ele meramente no afã de beneficiar a escola que formou, está situada entre os cursos de Pós-Graduação atualmente e dela nasceu o Curso de Sânscrito, já em seu quarto ano, uma realidade que inexistia mesmo em algumas universidades estrangeiras.

Aos estudiosos e alunos de lingüística geral, aos de indo-européia e de sânscrito em particular, cremos ser de interesse a publicação desta fábula, com comentários sobre os elementos válidos da reconstituição de Schleicher, mormente antes do advento da escola neogramatical, de que foi precursor, e da famosa *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1878) de Saussure, que revolucionou o estudo do sistema vocálico do indo-europeu.

Quase um século após a elaboração dessa fábula (1), a qual permanece até hoje a única tentativa da espécie, Herman Hirt retomou-a (2) com escopo didático, a fim de apontar a seus discípulos os erros em que, levado máxime pelo sânscrito, incorrera seu autor.

Também Carlo Tagliavini, mais conhecido como romanista, numa obra de pouca divulgação entre nós, sobre lingüística geral (3), ao tratar de Schleicher, menciona, a título de curiosidade, apenas o período inicial da fábula, com uma refacção própria, confessadamente inspirada em Hirt. É lastimável que se tenha limitado ao exame de tão reduzida parte, curta como é a fábula, pois teríamos dois textos para colacionar e donde extrair ensinamentos, mas, em verdade, pouco difere sua interpretação daquela exposta pelo insigne indo-europeísta;

(1) Foi publicada *Kuhn-Schleichers Beiträge* 5, 1868, p. 207.

(2) "Der Lautstand der indogermanischen Sprache", cap. III da importante obra *Die Hauptprobleme der indogermanischen Sprachwissenschaft*, M. Niemeyer Verlag, Halle-Saale, 1939, edição póstuma organizada por H. Arntz.

(3) *Introduzione alla Glottologia*, Bolonha, R. Patron, 1.^a ed. 1936, 4.^a ed. 1950.

a divergência maior está no modo de representar alguns fonemas, em especial a vogal reduzida (1).

Eis a fábula de Schleicher com sua atualização, baseada em Hirt, porém apresentada na esteira dos lingüistas ortodoxos, mormente dos modernos como Pokorny, e a respectiva tradução:

AVIS AKVASAS KA

AVIS, JASMIN VARNA NA A AST, DADARKA
AKVAMS, TAM, VAGHAM GARUM VAGHANTAM, TAM,
BHARAM MAGHAM, TAM, MANUM AKU BHARANTAM.

AVIS AKVABHJAMS A VAVAKAT: KARD AGHNU-
TAI MAI VIDANTI MANUM AKVAMS AGANTAM.

AKVASAS A VAVAKANT: KRUDHI AVAI, KARD
AGHNUTAI VIVIDVANT-SVAS: MANUS PATIS VARNAM
AVISAMS KARNAUTI SVABHJAM GHARMAM VASTRAM
AVIBHJAMS KA VARNA NA ASTI.

TAT KUKRUVANTS AVIS AGRAM A BHUGAT.

Reconstituição moderna

OUIS EKUOS K^uE

OUIS IEI ULNA NE EST, DEDORKE EKUONS, TOM,
UOGHOM G^u.RUM UEGHONTM, TOM, BOROM MEG(H) AM,
TOM, GH_eMONM OKU BHERONTM.

OUIS EKUOBHIOS (—MOS) EUEUK^uET: KERD
AGHNUTAI MOI UIDONTEI GH_eMONM EKUONS
AGONTM.

(1) A reconstituição que apresentamos, devido à falta de uniformidade entre os símbolos gráficos adotados pelos autores, segue a do *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*, de Julius Pokorny; pessoalmente preferiríamos servir-nos de alguns de uso didático freqüente, e. g. *w.* e *y* para as soantes labial e palatal, ou de mais fácil representação gráfica, e. g. *k'* para a palatal, etc., mas a necessidade de um critério unitário fez-nos optar pelo de Pokorny.

Por motivo de clareza, resolvemos pontuar a fábula, como Schleicher.

EKUOS EUEUK¹ONT: KLUDHI, OUEI! KERG
AGHNUTAI UIDONT-BHIOS (—MOS): GH₂MON POTIS
ULNAM OUIOM K²RNEUTI SEBOI G²HERMOM UESTROM
OUIBHIOS (—MOS) K²E ULNA NE ESTI.

TOD KEKLUUOS (?), OUIS AGROM EBHUG²...

Tradução literal

(A) ovelha e (os) cavalos

(Uma) ovelha, (na) qual não existia lã (l), viu cavalos: aquele (um deles) conduzindo (um) carro pesado, aquele (ou-
tro), (uma) grande carga, (e) aquele (um terceiro) levando
(um) homem velozmente.

(A) ovelha disse a (os) cavalos: (o) coração está aper-
tado em mim (2) (que estou) vendo (o) homem (impelindo)
fazendo andar (os) cavalos.

(Os) cavalos disseram: “Escuta, ovelha, (o) coração está
apertado nos que vêm (têm conhecimento): (o) homem, po-
deroso, faz (a) lã (das) ovelhas para (uma) roupa quente
para si e para (as) ovelhas não existe lã.

Isso tendo ouvido, (a) ovelha fugiu (para o) campo.

Tradução livre

A ovelha e os cavalos

Uma ovelha tosquiada viu três cavalos: dois levavam, res-
pectivamente, um carro pesado e uma enorme carga e o ter-
ceiro transportava um homem, à velocidade.

Disse a ovelha aos cavalos: “Estou penalizada por ver o
homem forçar os cavalos a andar”.

Responderam estes: “Pois ouve aqui, ovelha, nós sentimos
que o poderoso homem faça para si uma roupa quente com
a lã das ovelhas, enquanto elas não a têm”.

Tendo ouvido isso, a ovelha escapuliu no campo.

(1) Diríamos hoje: “uma ovelha tosquiada”.

(2) Equivale à expressão: “sinto muito”.

COMENTÁRIOS

AVIS — OUIS “ovelha”

Schleicher baseou-se no scr. *avis* e lit. *avìs*, porém o lt. *ovis* e gr. *ous* asseguram o vocalismo *o* e a soante labial; cf. também a.bl. *ovt-ca*.

AKVASAS — EKUOS (EKUOSES?) “cavalos”

A concordância do scr. *açvas*, avést. *aspa*— com o lat. *equus*, irl. ant. *ech* indica o vocalismo *e* — *o* e uma palatal, que evoluiu regularmente nas línguas de *satem*. Para o gr. *ἵππος*, devemos postular uma combinação da palatal e a soante labial, que produz uma consoante dupla, ao invés da lábio-velar, cujo resultado é uma só consoante (π , τ , κ , de acordo com a vogal precedente).

Uma dúvida subsiste quanto à forma do plural, aqui focalizada. À forma apresentada com reserva por Tagliavini — *ekuoses* — e à de Hirt — *ek'wōses* (o alongamento do *o* temático na forma não contrata só se explica pelo védico) — preferimos com Brugmann, Buck, Mastrelli, Pisani, Krahe e Brandenstein, a forma contrata já para o indo-europeu: *ekuōs*. A opção schleicheriana não asenta sobre o sânscrito clássico *açvas*, mas sobre o védico em *-āsas* (o latim e o grego adotaram a desinência pronominal nos temas em *-ō* e *-ā*).

KA — K^uE “e”

A lábio-velar é postulada pela enclítica do lat. — *que* (*neque*), osco-umbro *p* (*nep, neip*), gót. — *h* (*ni-h* = *nicht*), gr. $\tau\epsilon$; dela provêm igualmente o scr. *ca*, avést. *ca* (a confusão normal das velares e lábio-velares nas línguas de *satem* produziria uma velar, porém interveio a palatalização sânscrita).

AVIS — OUIS “ovelha” (ver acima)

JASMIN — IEI “cuja”

A reconstrução de Schleicher está fundamentada exclusivamente no scr. *yasmin*, locat. sing. do relativo *yas, yā, yat*.

O tema indo-europeu *io, *ia manteve-se especialmente nessa língua e no grego *os*, *η*, *ο* (no frígio aparece também a forma *ios*), enquanto nas demais houve substituição do relativo em geral por formas do interrogativo, como no latim (tema *quo-*, *qua-*), lit. (*kàs*), gót. *a-s*, a.-esl. *kū-to*, ou pelo demonstrativo (cf. al. *der*, *die*, *das*).

Com base no dat. fem. grego *η* e no dat. fem. scr. *yāi*, preferem Hirt e Tagliavini um étimo *iēi.

VARNA — ULNA “lã”

Da raiz uel—, uel — e o sufixo —nā, cf. scr. *ūrṇā*, gr. *λῆνος*, dNr. *λευνος*, lat. *lāna*, gót. *Wulla*, al. *Wolle*, lit. *vīlna*, a.blg. vl *na*, sérvio *vūna*. Hirt, ao invés de admitir a soante longa, apresenta uma forma *w l nā*, em que o grau reduzido é indicado pelo “jer” do eslavo (1).

Aqui também Schleicher se deixou levar pela fonética sânscrita, posto que atribuiu ao indo-europeu a vibrante que resulta da evolução da soante *l*.

NA — NE “não”

Haveria em indo-europeu duas variantes quantitativas para a negação, indubitavelmente com vocalismo *e*, como atestam o lat. *ne* (*neque*), a.esl. *ne*, lit. *ne*, ant. irl. *ne* (*ne-ch*), e mesmo o gr. *νε-* em adjetivos contratos (*νηκεστος* “incurável”, de *νε-* e *ακεστος* “curável”); com a longa, lat. *nē* (*nē-quidem*), a.irl. *nī*, gót. *nē*. Somente o indo-irânico apresenta evolução dessa vogal para *a*: scr. *nā*, av. *na-*. Uma terceira possibilidade para o indo-europeu, *nei*, tem igualmente representantes; a forma do vocalismo zero manifesta-se na partícula negativa (lat. *in—*, gr. *α—*, *av—*, a.irl. *in*, etc.).

(1) “Ich habe nun ausgeführt, dass im Indogermanischen zunächst einmal alle nicht haupttonigen kurzen Vokale, por allem e, zu einem schwachen Vokal reduziert sind, den ich mit einem Zeichen des schlawischen Alphabets (jahr) schreibe. Daneben mag auch ein dunkler reduzierter Vokal bestanden haben, geschrieben (jār).” Cf. par. 30, “Der indogermanische Ablaut”, *Der Lautstand*, p. 149.

A AST — EST “era, existia”

3.ª pessoa do sing. do imperf. indicativo de **esmi*, com a vogal alongada por fusão com o aumento, que Schleicher estranhamente separa. Embora só possamos basear-nos para esta reconstrução no gr. dór. $\eta\sigma$ (cf. át. $\eta\nu$) e no scr. $\bar{a}\bar{s}$ ($\bar{i}\bar{t}$) (cf. Krahe, p. 145), ela é geralmente aceita (2).

DADARKA — DEDORKE “viu”

3.ª pessoa do sing. do perfeito de raiz **derk*— “olhar”. O scr. *dadarça* (presente supletivo *páçyati*) e o gr. $\delta\epsilon\delta\omicron\rho\kappa\epsilon$ (presente $\delta\epsilon\rho\kappa\omicron\mu\alpha\iota$) serviram de fundamento à reconstituição. Da mesma forma, opina Hirt, poderiam ter sido recolhidas as formas do aoristo $\epsilon\iota\delta\epsilon$ (supletivo de $\omicron\rho\alpha\omega$) e scr. *ávidat*, da raiz **ueid*—, cf. lat. *videre*.

AKVAMS — EKUONS “cavalos”

Acusat. plural de **ekuo*-, visto acima no caso nominativo. Corresponde ao lat. *equos*, gr. $\iota\pi\pi\omicron\mu\omicron\varsigma$, scr. *açvān* (o —s perde-se no grupo de final absoluta e a vogal temática sofre alongamento secundário).

TAM — TOM “aquele, o”

Acusat. sing. masc. do pronome demonstrativo, cujo tema seria no indo-europeu **so*, **sa*, **tod*. Cf. os acusativos do gr. $\tau\omicron\nu$, scr. *tam*, gót. *pana*, lat. *is-tum*.

VAGHAM — UOGHOM “carro, veículo”

Da raiz **uegh*— “dirigir” com o vocalismo *o* das formações norminais, conforme apontam o gr. $\omicron\chi\omicron\nu$, esl. *vozb*. O scrt. *vaham* falseou a reconstrução de Schleicher, que, todavia, inexplicavelmente pressupõe uma longa na vogal da raiz.

(2) “Quand la racine commence par une voyelle, la contraction de l’augment avec la voyelle suivante date de l’époque indo-européenne: * *esm* “eram” de “é *esm*”, skr. *acam*, hom. $\eta\alpha$, cf. prés. **esmi*, skr. *ásmi*, gr. $\epsilon\iota\ \mu\iota\dots$ ”. (Brugmann, *Gramm.*, p. 513 par. 627).

GARUM — G^u_eRUM “pesado”

Tanto no vocalismo quanto no consoantismo é inaceitável o étimo schleicheriano: trata-se evidentemente de uma lábio-velar, fornecida pelo consenso do scr. *gurum*, gr. βαρυν, lat. *gravis*, gót. *kauru*, etc. A base indo-européia apresenta, além da raiz simples, várias possibilidades dissilábicas (g^uer-, g^uer-, g^uer u-, g^uerī-), além das modalidades de grau reduzido (assim, a forma latina *gravis* reconstitui-se como g^ur -u-is).

Hirt indica esse tipo reduzido como g^w rum e Tagliavini, como g^w_erúm; Hofmann pressupõe a forma *g^u_ereu— para βαρυς (*gurus*, *gravis*, *kaurus*).

VAGHANTAM — UEGHONTM “que carrega, transporta”

Acus. sing. do part. pres. da raiz uegh—, bem visível através do gr. εχοντα, lat. *vehentem*, que mostram o vocalismo da raiz e a soante *m* do acusativo; cf. também a. a. al. *wegant*.

TAM — TOM “aquele, o” (ver acima)

BRARAM — BHOROM “peso”

Acus. sing. de *bhoros (raiz *bher—), reconstruído a partir do scrt. *bharam*, gr. φορον, , a. esl. *s -bor* .

Não cabe o alongamento da vogal radical.

MAGHAM — MEG(H)AM “grande”

Hirt apresenta uma forma **megam*, endossada por Tagliavini; todavia, ela não explica a aspiração do sânscrito. Buck e Hofmann opinam pela base **meg(h)* , esclarecedora do scr. *mahi*— (o gr. μεγα seria um antigo nom.-acus. sing. neutro, correspondente a essa forma; a partir dele originou-se um masculino com nom. μεγας e acus. μεαν, acrescentando-se o sufixo —λο—, —λα— aos outros casos).

A raiz meg(h)—/m_eg(h) aplica-se ao scr. mahant—, gr. μεγας e lat. magnus (*m_eg-no-s).

TAM — TOM “aquele, o” (ver acima)

MANUM — GH_eMON-M (?) “homem”

Termo de duvidosa reconstrução, possivelmente inexistisse na época indo-européia. Schleicher baseou-se apenas no scr. *manu-s*, gót. *manna*, al. *Mann* (da raiz *men?), mas Hirt aproximou-o do lat. *hominem*, gót. *guman*, lit. *zmōgu*, aventando a forma *gh' mon-m. Esta implicaria em conexão com uma raiz *gh_{ten}-/*gh_{tom}*-, “terra” (cf. lat. *humus*, de *ghom-, gr. χ^θ_{ων}).

AKU — OKU “veloz(mente)”

Para o indo-europeu podemos postular um adjetivo *ōkú-s* (comp. *ōkios*, superl. *ōkisto-*), cujo neutro tem função adverbial. Comparem-se o scr. *āçu-* e avést. *āsu* (com a típica evolução do *k* palatal indo-europeu) ao gr. *ωκυ-s*, *ωκυστος*, e mesmo lat. *ōcior*, *ōcissimus*.

BHARANTAM — BHERONTM “levando”, “carregando”

O étimo acima é plenamente assegurado pelo scr. *bharantam*, gr. *φεροντα*, iat. *ferentem*. Novamente aqui Schleicher decalcou o sânscrito, sem considerar o vocalismo das outras línguas e a impossibilidade da desinência de acusativo haver simplesmente eliminado a nasal final do grego (cf. —*om > —ov, —m > —α).

AVIS — OUIS “ovelha” (ver acima)

AKVABHJAMS — EKUOBHYOS (-MOS) “aos cavalos”

Sempre levado pelo vocalismo sânscrito e desconsiderando a série tríplice “gutural”, Schleicher decalca um dativo plural sobre a desinência sânscrita —*bhyas*, inserindo, porém, uma nasal. Teria desejado reunir ambas as possibilidades consignadas para o dativo-ablativo plurais (sufixos com *bh* ou *m*?)

Hirt prefere a forma com a nasal, chegando a um **ek'womos*, de acordo com o germânico e o balto-eslavo (cf. gót. *ái am*, agl.-s. *eohum*).

Não vemos porque optar pela última hipótese: o sânscrito e o latim indicam a primeira, enquanto o grego adota a desinência de locativo, e, para o germânico, também se pode postular o instrumental.

A VAVAKAT — EUEUK^uET “disse”

Sempre acreditando no primitivismo do sistema vocálico do sânscrito, Schleicher reconstitui um aoristo com o aumento (alongado!) separadamente da forma verbal, que apresenta redobro. Poder-se-ia pensar no gr. εἶπε (< *ερερεπε) de exata correspondência; também o aoristo scr. *avocat* pode remontar a essa forma de aoristo reduplicado com grau fraco da raiz *uek^u— (*e-ue-uk^u-et) (1).

KARD — KERD (KRD—)

Schleicher propõe uma forma (sempre com *a*), talvez baseado no lat. *cord-is*; Hirt prefere o vocalismo longo (*k'ērd*), à vista do gr. κηρ, a.pr. *seyr*, arm. *sirt*. O gr. καρδια (át.), κραδιη (jôn.) pressupõe a evolução da soante *r*.

AGHNUTAI — AGHNUTAI “está oprimido” (?)

O gr. ἀχνυται “aflige-se” (raiz *agh— “apertar, oprimir”) é a fonte do vocábulo recomposto por Schleicher; no anglo-saxão também houve a palavra ege “medo”, mas não cremos haja suficiência de elementos para uma tal reconstrução.

MAI — MOI “para mim”

Aqui podemos aceitar o étimo de Schleicher, com a ressalva costumeira do vocalismo, porquanto a enclítica do scr. *me*, gr. μοι, lat. *mī* pode justificá-la com acerto.

VIDANTI — UIDONTEI “ao que vê”

Dat. sing. do part. pres. da raiz *uid—; refere-se a *moi*.

(1) A raiz *vac-* do sânscrito clássico era com freqüência preterida no védico pela raiz *voc-*, designada por Whitney como uma “quasi-root”, pg. 536, *Sanskrit Grammar*.

O vocalismo do tema participial seria o (tipo *bher-o-nt-, visto acima); o latim apresenta vogal de ligação *-e-* ou o grau zero (ferent-, de *bher-e-nt ou *bher-nt). Quanto à terminação de dativo, aceita-se *ei, por oposição às formas contratas dos temas vocálicos e à desinência *-i* do locativo).

MANUM — GH₂MONM “(o) homem” (ver acima)

AKVAMS — EKUONS “os cavalos”

Novamente aparece o acusativo plural desta palavra. Possivelmente Schleicher tenha apenas acrescentado o morfema *-s* à forma de acusativo singular, porém o consenso das demais línguas aponta para uma desinência *-ns* nos temas vocálicos (scr. *açvān*), *-ns* nos consonânticos (scr. *vāc-as*, gr. *ποδας*).

AGANTAM — AGONTM “que impele, que move”

A palatal da raiz *ag-* é assegurada pelo confronto entre o gr. *αγοντα*, lat. *agentem* e o scr. *ajantam*; quanto à vogal temática e à desinência do acusativo singular, ver acima (*bherontm).

AKVASAS — EKUOS “(os) cavalos”

Como no título, Schleicher apresenta este nominativo plural alongado e não contrato. Hirt procede igualmente, reconstruindo uma forma **ek'wōses*, baseada no gót. **aí* *ōs* (como *dagōs*) e scr. *açvāsas*; o primeiro seria contrato e o segundo só é registrado na língua védica (desin. *-āsas*).

A VAVAKANT — EUEUK^uONT

As considerações feitas a respeito do singular *ā vavakat* repetem-se para este plural (cf. gr. *ειπον*, scr. *avocan*). A desinência secundária de 3.^a pessoa do plural, nos verbos temáticos, é **-ont* (Buck, par. 340).

KRUDHI — KLUDEHI “ouve!”

2.^a pessoa do sing. do imperativo da raiz *kleu-* (*kleu-*, *klū-*) no grau zero. A reconstituição fez-se com base no scr. *çrudhi*, o que indica novamente a crença numa única velar e no primitivismo da vibrante, em prejuízo da líquida (cf. também gr. *κλυθι*). A desinência da 2.^a pessoa ativa *-*dhi* é aceita para os verbos atemáticos.

AVAI — OUEI “ó ovelha!”

Voc. sing. do tema **oui-* no grau pleno (cf. scr. *ave*, lit. *avie*).

KARD — KERD “(o) coração” (ver acima)

AGHNUTAI — AGHNUTAI (?) “está apertado” (ver acima)

VIVIDVANT-SVAS — UIDONT-BHYOS (-MOS)
“aos que vêem?”

Schleicher estabeleceu uma formação participial possivelmente de caráter perfectivo, mas de difícil inteligência: o redobro sugere-nos perfeito, porém o sufixo e a desinência causam estranheza. Em indo-europeu todos os participios ativos eram formados com **-nt-*, à exceção do perfeito, que apresentava o sufixo **-ues-* com gradação: cf. scr. nom. sing. *vidvān*, acus. sing. *vidvānsam* (ambos com *-n-* secundário); *babhuvās*; gr. *ειδως*, *-υια*, *-ος*; *λελοιπως*, *-υια*, *-ος* (sufixo **-uōs*, **-us*, **-uos*). O sânscrito constrói também participios perfeitos ativos mediante a junção do sufixo *-vant-* a temas de participios perfeitos passivos formados com *-ta-* ou *-na-*: da *vac-* “falar”, p. pass. *ukta-s*, p. perf. at. *ukta-vant-*. Teriam servido de sugestão a Schleicher?

Hirt prefere um participio presente com valor de perfeito (“den gesehen Habenden”), utilizando-se da desinência *-m-* para a expressão do dativo plural: cf. lit. *sukantēms*.

MANUS — GH_eMON— (?) “o homem”

Nomin. sing. de tema em nasal, possivelmente com a perda desta e alongamento compensatório, cf. al. *hemō*, gót. *guma*, lit. *zmuō*. Para Hirt, *gh mōn*. Schleicher deve ter-se orientado só pelo sânscrito ou, também, pelo germânico, como acima vimos.

PATIS — POTIS “poderoso”

O vocalismo *o* é assegurado pelo lat. *potis*, gr. *ποις*; o sânscrito, germânico e lituano transformam-no em *a* (scr. *patis*, gót. —*faps*, lit. *pàts*).

VARNAM — ULNA-M

Acusativo singular. Ver acima o Nominativo.

AVISAMS — OUIOM “das ovelhas”

Genitivo sing. de tema em —*i*, cf. gr. *οιον*, lat. *ovium*. Haveria influência do sândi sânscrito na sibilante final?

KARNAUTI — K^uRNEUTI “faz”

3.^a pessoa sing. do presente do indicativo da raiz *k^uer-*, no grau zero, com o sufixo nasal *-neu/-nu-*, cf. scr. *k^urnoti*, av. *k r naoti*. A raiz aparece em algumas línguas, mas a reconstrução parece extremamente restrita ao indo-irânico.

SVABHJAM — SEBOI “para si”

Do tema **seue*— do reflexivo indo-europeu, temos o dativo sing. **heboi*, segundo o lat. *sibi*, a. bg. *sebě*, a. pr. *sebbei*, gr. *oi* (?).

GHARMAM — G^uHERMOM

As formas do scr. *gharmas*, gr. *τερμος*, arm. *jerm*, alb. *zjarm*, lat. *formus* (vocalismo fletido), al. *warm*, confirmam o étimo indo-europeu.

Schleicher não considera o caráter lábio-velar da consoante.

VASTRAM — UESTROM “vestido, roupa”

Acus. sing. de **ues-tro-m*, certamente recomposto sobre o scr. *vastram*; cf. também dór. Σεστρα e alto méd. al. *wester*? Da mesma raiz, com diferente sufixo, temos em latim *ves-tis*.

AVIBHJAMS — OUIBHIOS (—MOS?)

Dat. plural do tema **oui*—. Vejam-se os comentários a respeito da desinência casual. Hirt prefere a que apresenta a nasal, remtendo ao lit. *avims*.

KA — K^oE “e”

O consenso do scr. *ca*, gr. τε, lat. *ne-que*, evidencia o caráter lábio-velar da consoante indo-européia (tornada velar pela perda do apêndice labial, comum às línguas de *satem*, sofre a palatalização sânscrita).

VARN — ULNA “lã” (ver acima)

NA — NE “não” (idem)

ASTI — ESTI “existe, é”

A recondução à forma epigrafada é segura: lat. *est*, gr. εστι, al. *ist*, lit. *esti*. Como sempre, o sânscrito (*asti*) sugeriu a Schleicher o indo-europeu.

TAT — TOD “isto, o”

Acus. sing. neutro do demonstrativo (tema **te-/to-* para o nom. masc. e fem. e **so-* para o neutro). A forma indo-européia transparece perfeitamente do lat. (*is*)*tud*, gr. το, scr. *tad*, gót. *pat(a)*.

KUKRUVANTS — KEKLUUOS (?) “tendo ouvido”

Poder-se-ia remontar ao indo-europeu somente com base no scr. *çuçravas* (nt. *çuçrūvat*), que deve ter inspirado o

Autor? A sua reconstrução faz pensar num particípio perfeito constituído mediante união do sufixo de perfeito *-ues-/uos- (-uot) e o de presente *-nt-.

AVIS — OUIS “(a) ovelha” (ver acima)

AGRAM — AGROM “campo”

Acus. sing. (função de circunstancial?) recomposto sobre o lat. *agram*, gr. *αγρον*, scr. *ajram* (da raiz *ag*—, que está no gót. *akrs*, al. *Acker*).

A BHUGAT — EBHUGET (?) “fugiu”

3.ª pess. sing. do aoristo da raiz **bheug*—. O grau zero aparece no gr. *εφυγε*, como no lat. *fugio. fuga*.

A raiz sânscrita *bhuj*— significa “curvar” (Pokorny não a relaciona com a de “fugir”). Seria esse o sentido adotado por Schleicher (“curvar (sobre) o chão”)?

CONCLUSÃO

O exame da fábula de Schleicher permite-nos reduzir a dois os principais aspectos inaceitáveis de sua reconstrução, respectivamente no vocalismo e no consonantismo:

- 1) predominância da vogal *a* no indo-europeu (inexistência de *e* e *o*), como no sânscrito;
- 2) aceitação de uma única velar (certamente palatalizada antes de vogal homorgânica).

I — De acordo com o sânscrito, Schleicher formulou para o indo-europeu um sistema trivocálico: *a, i, u*.

Todavia, o alargamento do campo comparativo conduziu os lingüistas do final do século (1) a postular a existência, no idioma primitivo, de uma vogal básica *e* (grau normal), *o*

(1) O sistema vocálico indo-europeu foi entrevisto por Brugmann e firmado por Saussure, na *Mémoire*.

(grau fletido), algumas raízes com *a*, as soantes *i, u, r, l, m, n* — que assumiam a função vocálica (*i, u, r, l, m, n*) segundo a posição na palavra — e uma vogal muito breve (considerada soante por alguns), o chevá (). Mais tarde, o confronto de certas anomalias na gradação vocálica (2) levantaria a possibilidade de completar-se o quadro com a assim chamada “vogal reduzida” (° ou *e*).

Esta última e o chevá evidentemente só podiam corresponder à vogal *a* em Schleicher. Quanto às soantes, no caso de *i, u*, seguiu ele rigorosamente o sânscrito, pois representava a forma consonantal por *j* e *v*; se, estranhamente, não o seguiu quanto à vibrante *r*, existente nessa língua (cf. *krnoti*), mostrou o apego ao seu modelo no tocante à lateral *l*, que evolui em sânscrito para a vibrante (cf. *ūrṇā*). Tanto no caso da soante *r*, como no das nasais, depois admitidas para o indo-europeu (*m, n*), aceita como primitivo o grupo formado pelo desenvolvimento de vogal: *varna, bharantam*. No primeiro exemplo, teríamos a acrescentar o alongamento da soante, em contacto com o chevá no grau fraco de raiz dissilábica (*uel-), obviamente desconhecido à época do Autor.

II — Admitem hoje os indo-europeístas em geral a existência de três séries de fonemas, agrupados impropriamente sob o nome de “guturais” (1): palatais, velares e lábio-velares. Como em nenhuma língua indo-europeia aparecem distintos os três grupos, alguns, como Meillet (2), consideram apenas dois, unindo palatais e velares — que só se diferenciam pelo contacto com a vogal subsequente — e mantendo à parte as lábio-velares, isto é, velares providas de um apêndice labial.

Diverge o tratamento desses fonemas conforme se trate de língua de *centum* ou de *satem*, pois nas últimas não subsistem as lábio-velares. No caso particular do sânscrito, a velar obtida pela perda do elemento labial sofre uma palatalização se-

(2) Cf. lat. *quattuor*, gr. *τετταρες*, hom. *πιουρες*; lat. *equus*, gr. *ιππος*; lat. *magnus*, gr. *μεγας*; lat. *nox*, gr. *νυξ*.

(1) O termo refere-se apenas a um aspecto da articulação (cf. lat. *guttur* “garganta”).

(2) “Il n’y a que deux traitements d’un même **k* ancien’ dans un groupe dialectal de l’indo-européen.” *Introd.*, p. 94.

cundária (3); as palatais do sânscrito, portanto, não correspondem exatamente às do indo-europeu.

Para Schleicher não havia tal diferenciação: usou sempre uma velar (*k* surda, *g* sonora), quaisquer que fossem os casos: *ka*, *akvams*, *kard*, *garum*.

Outros pontos de divergência da reconstituição schleicheriana, no concernente à morfologia, dizem respeito em geral à escolha duvidosa de sufixos.

Mesmo a base lexical de algumas reconstruções deixa margem a dúvidas, por serem restritas a domínio lingüístico muito escasso.

Indubitavelmente, porém, a tentativa de Schleicher, única no gênero, tem sido extremamente válida para fins didáticos.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDENSTEIN, W. — *Lingüística Griega* (trad. do al.), Gredos, Madrid, 1964.
- BRUGMANN, K. — *Abrégé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes* (trad. do al.), Klincksieck, Paris, 1905.
- BUCK, C. D. — *Comparative Grammar of Greek and Latin*, Univ. Chicago, Illinois, 1933.
- GOODWIN & GULICK — *Greek Grammar*, Ginn & Co., N.Y., etc., 1930.
- HIRT H. — *Die Hauptprobleme der indogermanischen Sprachwissenschaft* (ed. Arntz), M. Niemeyer, Halle-Saale, 1939.
- HOFMANN, J. B. — *Etymologisches Wörterbuch des Griechischen*, Oldenbourg, München, 1950.
- KRAHE, H. — *Lingüística Indoeuropea* (trad. do al.), Inst. "Ant. Nebrija", Madrid, 1953.
- MASTRELLI, C. A. — *Elementi di linguistica indeuropea*, s/ 1., 1953.
- MEILLET, A. — *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennss*, Hachette, Paris, 8.^a, 1937.

(3) A chamada "palatalização sânscrita" consiste na passagem das velares *k*, *g*, *gh* a *c*, *j*, *h*. Ex.: a conjunção *ca* resulta de uma velar, na origem lábio-vela *r*, como se deduz de comparação com a enclítica latina *-que*, gr. *τε*).

- MEILLET A. e VENDRYES, J. — *Tratté de Grammaire Comparée des Langues Classiques*, 3.^a ed., Honoré Champion, Paris, 1960.
- PISANI, V. — *Glottologia Indeuropa*, 2.^a ed., Rosenberg, & Sellier, Turim, 1949.
- POKORNY, J. — *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*, 2 vols., A. Francke, Berna, 1959.
- RENOU, L. — *Grammaire Sanscrite*, Libr. d'Amérique et d'Orient, Paris, 1961.
- TAGLIAVINI, C. — *Introduzione alla Glottologia*, Bolonha, R. Patron, 4.^a ed. 1950.
- WHITNEY, W. D. — *Sanskrit Grammar*, 7.^a ed., Londres, Harvard, 1950.